



UNESP 2020 2ª fase - 2º dia

Questão 1 - Língua Portuguesa

Examine os cartuns.

CARTUM 1



(Millôr Fernandes. *Guia Millôr da filosofia*, 2016.)

CARTUM 2



(Quino. *Que presente inapresentável!*, 2010.)

- Explicita o conceito explorado pelo cartum 1. De que modo a imagem ressalta esse conceito?
- Que princípio comanda o processo de criação artística ilustrado pelo cartum 2? Tal princípio remete a qual vanguarda europeia do início do século XX?

Resolução:

- O cartum explora o jogo contraditório entre aparência e essência, entre ficção e realidade. Na imagem, há uma ave nadando e seu reflexo na água é bem diferente do que ela é de fato. Para reforçar esse significado, o elemento de composição “para” se torna “doxo” no reflexo, formando a palavra “paradoxo”.
- O princípio do acaso. O compositor escreve a partitura depois de olhar notas musicais que aparecem nas faces de dados. Esse princípio remete ao Dadaísmo, vanguarda europeia que pretendia rediscutir os limites da arte e, para isso, aboliu a racionalidade tradicional na criação estética.

Questão 2 - Língua Portuguesa

a) Qual a opinião do eu lírico sobre a “evolução da humanidade”? Justifique sua resposta com base no texto.

b) É possível que o eu lírico, no verso “O último trovador morreu em 1914.”, tenha feito alusão a um importante evento histórico. De que evento se trata e qual é sua relação com o tema geral do poema?

Resolução:

a) O eu lírico apresenta uma visão desencantada e pessimista da evolução humana. Um dos fatores dessa evolução, o desenvolvimento tecnológico, recebe tratamento irônico: conforto se transforma em desperdício (“máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples”) e comodidade vira acomodação (“Se quer fumar charuto aperte um botão / Paletós abotoam-se por eletricidade”); o homem perde o domínio pleno de seus atributos físicos (“Não precisa estômago para digestão”), e até mesmo o contato amoroso perde a razão de ser (“Amor se faz pelo sem-fio”), o que, no limite, pode resultar na perda da própria condição humana. Na penúltima estrofe, tem-se o julgamento definitivo e sintético dessa suposta evolução: “Os homens não melhoraram” – o que equivale a dizer que não houve evolução de fato.

b) O evento histórico a que o eu lírico faz referência é o início da Primeira Grande Guerra Mundial (1914-1918), que envolveu boa parte da Europa. Até o momento de composição do poema (publicado em 1930, portanto, antes da Segunda Guerra Mundial), esse conflito era um dos exemplos mais contundentes da capacidade humana de autodestruição, o que é coerente com o pessimismo que domina o poema.

Questão 3 - Língua Portuguesa

- a) Que relação pode ser estabelecida entre os dois primeiros versos e o último verso do poema?
- b) Reescreva, na voz passiva, o trecho sublinhado no último verso do poema “(Desconfio que escrevi um poema.)”.

Resolução:

a) A relação entre os dois primeiros e o último verso do poema é de refutação (ou de *negação*, *contestação*, *contraste*, *contraposição*, entre outras palavras desse campo semântico). Os dois primeiros versos negam peremptoriamente a possibilidade de produzir-se poesia, porém, no verso final, o eu lírico admite que talvez tenha escrito um poema.

b) Adotando-se a voz passiva, a oração assume a seguinte forma: “Um poema foi escrito por mim”.

Obs.: na transposição, o sujeito elíptico deve ser convertido em agente da voz passiva; quanto ao verbo, deve-se manter o pretérito perfeito.

Questão 4 - Língua Portuguesa

a) Explícite a antítese contida em “Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.” (2ª estrofe).

b) Identifique o pressuposto contido no trecho “E se os olhos reaprendessem a chorar” (4ª estrofe), relacionando-o com o tema geral do poema.

Resolução:

a) Em “Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples”, há uma antítese entre “máquinas terrivelmente complicadas” e “necessidades mais simples”. Essa oposição semântica revela a visão negativa que o eu lírico tem de algumas invenções modernas, que, em lugar de tornar a vida mais fácil, complexificam-na, como se percebe nos versos: “Se quer fumar um charuto aperte um botão” ou “Paletós abotoam-se por eletricidade”.

b) Em “E se os olhos reaprendessem a chorar”, pressupõe-se que os seres humanos já aprenderam a chorar uma vez e já se esqueceram de como fazê-lo. Ao sugerir que, atualmente, não choramos, o eu lírico condena uma época em que desvalorizamos a poesia, criamos máquinas inúteis e tornamos inabitável o mundo, de modo que acabamos por perder nossa própria condição humana. Voltar a chorar seria, nesse contexto, um resgate dessa humanidade perdida.

Questão 5 - Língua Portuguesa

- a) No ensaio, o que o autor entende por “simples existir”?
- b) Considere os seguintes trechos de poemas de Fernando Pessoa:

1. De resto, nada em mim é certo e está
De acordo comigo próprio. As horas belas
São as dos outros ou as que não há.

2. O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.

3. O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.
Não sei o que é a Natureza: canto-a.

4. Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil.

Em quais trechos se observa “a intenção de se livrar da autoconsciência visando a completa imersão no fluxo espontâneo e irrefletido da vida”? Justifique sua resposta.

Resolução:

a) O “simples existir” corresponde a um período em que o ser humano vivia uma “condição anterior à conquista da consciência”. Pode-se associar esse período a um estado natural, de integração à natureza, de usufruto puro e simples da existência, estado este próximo daquele experimentado por animais como o “labrador dourado”, o “sagui” e a “arara-azul”. O texto sugere que o momento de aquisição da consciência corresponde ao gesto de Adão no Paraíso bíblico, ao tomar a maçã nas mãos – e, ao mesmo tempo, “consciência de si”. Assim, de fruto proibido, a maçã se transforma, no texto, em “fruto tardio”, já que esse gesto é incontornável e “irreparável”, na medida em que o homem não pode voltar atrás. Ao adquirir “consciência de si”, torna-se escravo dela para sempre, submetendo-se a perguntas constantes a respeito da própria existência (diferente dos animais “que não sabem para que vivem nem sabem que não o sabem”), e arcando com os efeitos da exaustão, da dor, da insônia, do arrependimento, da culpa, do desejo, da autodestruição e da ambição.

b) A postura de liberação da “autoconsciência” e de entrega à “imersão no fluxo espontâneo e irrefletido da vida” corresponde mais diretamente aos trechos 2 e 3, na medida em que, em ambos, o enunciador rejeita uma atitude racionalista e reflexiva, típica da autoconsciência, optando por uma relação sensorial com o mundo, própria daquela imersão. Nessa relação, o pensamento perde sua primazia (“Saber ver sem estar a pensar” – trecho 2) e a simples fruição da existência aparece em toda a sua plenitude, permitindo ao eu lírico “viver e não pensar nisso” (trecho 3), condição que parece encontrar eco na afirmação de Eduardo Giannetti, de acordo com a qual o ser humano inveja os “animais que não sabem para que vivem nem sabem que não o sabem”. Entre os heterônimos de Fernando Pessoa, o que mais se aproxima da expressão dessa “imersão no fluxo espontâneo e irrefletido da vida” é Alberto Caeiro, autor dos dois textos indicados, ambos retirados da obra *O guardador de rebanhos*: poema XXIV (trecho 2) e XXX (trecho 3). Os outros dois textos transcritos no enunciado foram retirados de “A praça da Figueira de manhã” (trecho 1), poema de autoria de Álvaro de Campos (outro heterônimo de Pessoa) e “Passos da Cruz – VI” (trecho 4), que Pessoa assinou com seu próprio nome.

Questão 6 - Língua Portuguesa

- a) No contexto do ensaio, o que significa “desmorder a maçã”?
- b) Quais são os referentes dos três pronomes sublinhados no ensaio?

Resolução:

- a) No ensaio, a expressão faz referência a uma hipotética perda da consciência humana. Em seu texto, Eduardo Giannetti contrasta a condição de espécies animais que “não sabem para que vivem nem sabem que não o sabem” e a realidade dos seres humanos, cheios de questionamentos, desejos e aflições. Remetendo ao mito de Adão e Eva, em que as figuras bíblicas perdem a inocência após provarem o fruto da árvore do bem e do mal, o autor afirma ser impossível abdicar desse estado de consciência, já que não se pode “desmorder a maçã”.
- b) Em “nem sabem que não o sabem”, o pronome destacado se refere à oração “para que vivem”. Já o pronome destacado em “que não se exaurem” é reflexivo e tem como referente o substantivo “seres” (retomado também pelo pronome relativo “que”). Por fim, em “quem a alimenta”, o anafórico em questão retoma “A intenção de se livrar da autoconsciência”.

Questão 7 - Língua Portuguesa

a) No excerto, o narrador contrapõe dois espaços. Identifique-os.

b) Na poesia árcade também ocorre a contraposição de dois espaços, o que vem a ser um importante tópico dessa poesia. Quais são esses espaços?

Resolução:

a) O protagonista da cena, Cassi Jones, vê diferenças consideráveis entre dois espaços distintos: de um lado, o “subúrbio”, onde era invejado pelos outros e sua personalidade se realizava mais plenamente (“era bem Cassi Jones de Azevedo”); de outro, a “cidade”, isto é, o centro urbano, onde se sente diminuído, “bárbaro”, “humilde” e, por fim, “coisa alguma”, sentimentos opostos aos anteriores.

b) Na poesia árcade do século XVIII, os dois espaços contrapostos eram a cidade e o campo. O primeiro era associado à corrupção de costumes, à vaidade humana, ao nepotismo, a favorecimentos ilícitos, ao autoritarismo como forma de governo; já o segundo era visto como lugar de realização plena das potencialidades humanas da liberdade e da igualdade, espaço de convívio entre pastores, local de inspiração poética. A tópica árcade que sintetizava essa postura era a do *fugere urbem*, expressão latina que pode ser traduzida como *fugir da cidade*.

Questão 8 - Língua Portuguesa

a) “no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar” (1º parágrafo).

Identifique as figuras de linguagem utilizadas pelo narrador nas expressões sublinhadas.

b) Reescreva o trecho “lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar” (2º parágrafo), empregando a ordem direta e adequando-o à norma-padrão da língua escrita.

Resolução:

a) No primeiro caso, há uma metáfora. Já no segundo caso, há mais de uma possibilidade de resposta: personificação (prosopopeia), hipálage ou hipérbato (inversão).

Observação: ao afirmar que a multidão “jorrava”, explora-se o traço de *semelhança* entre a intensidade com que pessoas deixavam a estação e a intensidade com que líquidos eventualmente podem ser expelidos.

Já em “honesta pressa” atribui-se uma característica humana, a honestidade, ao substantivo abstrato “pressa”, daí a *personificação* (ou *prosopopeia*). Há também hipálage, que é uma figura pela qual se atribui a certas palavras de uma frase o que convém logicamente a outras da mesma frase; no caso, atribui-se o traço de honestidade à “pressa”, quando esse traço convém à “multidão”. Por fim, há também um hipérbato (ou inversão), por conta da anteposição do adjetivo em relação ao substantivo.

b) Reescrevendo, tem-se: “Lembrava-se de que nem mesmo sabia pronunciar o nome delas.”

Observação: o verbo “lembrar”, quando pronominal, é transitivo indireto e rege a preposição “de”.

Questão 9 - Língua Inglesa

- a) Como a pergunta do título do texto é respondida no primeiro parágrafo? Quais consequências da gentrificação para o mercado imobiliário são citadas no primeiro parágrafo?
- b) De acordo com o primeiro parágrafo, por que o termo gentrificação pode ter conotação negativa? Qual ponto de vista é apresentado sobre isso no primeiro parágrafo?

Resolução:

- a) A pergunta do título é respondida com a definição do termo “gentrificação” como um termo genérico utilizado para designar a chegada de pessoas de faixa de renda mais elevada em bairros da classe trabalhadora, o que causa uma elevação nos valores das propriedades e dos aluguéis além de mudanças nas características e cultura do bairro.
- b) O termo pode ter conotação negativa pois sugere o deslocamento das populações de baixa renda pelos intrusos ricos. O ponto de vista apresentado no primeiro parágrafo é o de que os efeitos da “gentrificação” são complexos e contraditórios, e que seu real impacto é variável.

Questão 10 - Língua Inglesa

- a) De acordo com as informações apresentadas no segundo parágrafo, cite dois aspectos positivos da gentrificação.
- b) O final do segundo parágrafo apresenta uma contradição sobre os benefícios da gentrificação. Qual é essa contradição?

Resolução:

- a) Alguns aspectos positivos da “gentrificação” são: redução dos índices de criminalidade; novos investimentos em construções e infraestrutura; aumento da atividade econômica no bairro.
- b) A contradição é que apenas os residentes ricos desfrutariam desproporcionalmente dos benefícios da “gentrificação”, enquanto os residentes anteriormente estabelecidos ficariam econômica e socialmente marginalizados.

Questão 11 - Língua Inglesa

Examine a tira e releia o texto *What is Gentrification?* para responder, em português, aos itens **a** e **b**.



(Jen Sorensen. <https://truthout.org>, 14.08.2018.)

a) Os quadrinhos numerados de 1 a 4 ilustram qual item apresentado no terceiro parágrafo do texto *What is Gentrification?* Justifique sua resposta.

b) Qual item apresentado no terceiro parágrafo do texto pode ser associado ao último quadrinho? Justifique sua resposta.

Resolução:

a) Os quadrinhos de 1 a 4 são ilustrados no item **Culture and Character**, que se refere a mudanças em termos daquilo que é desejável e atrativo, incluindo padrões para a arquitetura, paisagem, comportamento público etc. No caso em questão, pode-se dizer que se trata de comportamento público relacionado às alterações ocorridas no tipo de alimento ofertado.

b) O último quadrinho está associado ao item **Real Estate Markets** (mercados imobiliários), que sugere grandes aumentos nos aluguéis e preços das casas, aumento no número de despejos, conversão de unidades de aluguel para propriedades (condomínios) e desenvolvimento de moradias de luxo, situações sugeridas pelo texto.

Questão 12 - Língua Inglesa

Examine a tira para responder, em português, aos itens **a** e **b**.



(Garry Trudeau. www.theguardian.com)

a) De acordo com o Dr. Dan, como um incorporador imobiliário gentrifica uma área?

b) A resposta do Dr. Dan no quarto quadrinho revela que ele se preocupa com o bem-estar dos moradores de baixa renda? Justifique sua resposta.

Resolução:

a) De acordo com o Dr. Dan, um incorporador compra uma casa em ruínas em um bairro desvalorizado. A casa é, então, reformada e vendida para um casal jovem de classe média, e isso atrai outras pessoas da mesma classe social para o bairro, o que cria um fantástico mercado imobiliário, inexistente anteriormente.

b) Na verdade, não há a preocupação com o bem-estar dos moradores de baixa renda, mas sim o interesse na manutenção do processo, pois eles mudarão para outras propriedades desvalorizadas, o que impulsiona a "gentrificação".

Texto 1

O mundo enriqueceu-se com uma nova beleza: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com seu cofre enfeitado de grossos tubos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo... um automóvel rugindo é mais belo do que a Vitória da Samotrácia¹.

(Filippo Tommaso Marinetti. "Manifesto do Futurismo". *Le Figaro*, 20.02.1909. Adaptado.)

¹ Vitória da Samotrácia: famosa escultura grega, considerada uma obra-prima do período helenístico e datada, aproximadamente, do ano de 190 a.C. Integra o acervo do Museu do Louvre.

Texto 2

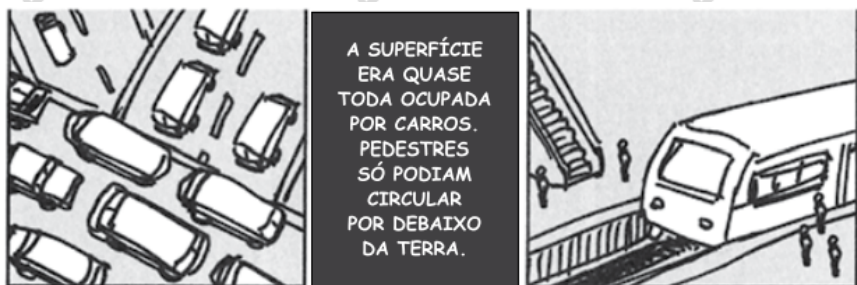
Cota Zero

Stop.

A vida parou
ou foi o automóvel?

(Carlos Drummond de Andrade. *Alguma poesia*, 1930.)

Texto 3



(André Dahmer. *Quadrinhos dos anos 10*, 2016.)

Texto 4

Jaime Lerner, arquiteto e ex-prefeito de Curitiba que priorizou o transporte coletivo na capital paranaense, chamou o carro de "cigarro do futuro": "Você poderá continuar a usar, mas as pessoas se irritarão por isso." Depois de décadas em que o modelo curitibano, que privilegia corredores de ônibus, vem sendo copiado no exterior, é ainda lentamente que ganha adeptos no Brasil, com a adoção de corredores e ciclovias e a discussão de limitar, no Plano Diretor de São Paulo, a oferta de vagas de garagem.

O escritor e empresário australiano Ross Dawson tem opinião parecida à de Lerner: "Um dia as pessoas vão olhar para trás e se perguntar como era aceitável poluir tanto, da mesma forma como hoje pensamos sobre o tempo em que cigarro era aceito em restaurantes, aviões e lugares fechados."

Nos EUA, o carro perde espaço não apenas como meio de locomoção, mas também como objeto de desejo e expressão de um certo modo de vida. Demografia e economia, além da questão ambiental, fazem com que menos jovens tirem carteira de motorista e cidades invistam em sustentabilidade para atrair moradores. 20% dos jovens americanos entre 20 e 24 anos de idade não têm hoje habilitação — e o mesmo vale para 40% dos americanos de 18 anos. Em ambos os casos, o número de jovens que não dirigem dobrou entre 1983 e 2013, segundo estudo da Universidade de Michigan.

(Raul Juste Lores. "O declínio de uma paixão". *Folha de S.Paulo*, 29.06.2014. Adaptado.)

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva um texto dissertativo-argumentativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

O carro será o novo cigarro?

Resolução:

A prova de redação da UNESP de 2020, em conformidade com sua tradição, apresentou para análise um tema concreto e atual, sintetizado na pergunta: "**O carro será o novo cigarro?**" – comparação estabelecida pelo arquiteto e ex-

prefeito de Curitiba, Jaime Lerner. A coletânea, formada por textos de diferentes gêneros, ofereceu variados subsídios para reflexões a respeito da mudança do valor social atribuído ao automóvel.

Análise da proposta

No texto 1, trecho do Manifesto Futurista, de 1909, Filippo T. Marinetti louva a máquina, a superação das distâncias, o encurtamento delas por meio da velocidade dos automóveis. Para ele, a velocidade é a nova beleza que desponta no início do século XX. O texto cumpre a função de, em meio aos demais da coletânea, esboçar o valor que o automóvel já teve em determinado momento da história, quando seu surgimento prometia um futuro glorioso. Ao afirmar que “um automóvel rugindo é mais belo que a Vitória da Samotrácia”, Marinetti prenuncia a supervalorização do carro nas modernas sociedades.

O texto 2, um poema de Drummond, estabelece uma relação entre a parada do automóvel e a estagnação da vida. Nesse sentido, *Stop* pode ser interpretado como o comando de trânsito que faz os automóveis interromperem seu movimento. Esse sentido parte do pressuposto de que a vida acontece quando o automóvel está em movimento, de que ele promove uma existência alucinante. A cultura do automóvel, portanto, teria dado novo vigor à vida, imprimindo uma nova forma de viver, atrelada ao consumo. Pode-se entrever, porém, uma visão negativa, de Drummond, associada ao automóvel, que o antevê como um vício, algo que restringe a existência em vez de promovê-la.

O texto 3, uma tira de André Dahmer, põe em evidência uma das consequências mais visíveis da cultura do automóvel: os engarrafamentos, a inviabilização das cidades, a anulação do benefício da velocidade, a ocupação das cidades pelos carros e não pelas pessoas. A elas, segundo a tirinha, restou apenas andar por debaixo da terra, em transportes coletivos mais rápidos que os automóveis. Essa desconcertante conclusão pode levar à reflexão de que os transportes públicos de maior eficiência, como o metrô, agora povoam o imaginário urbano que um dia já foi seduzido pela velocidade e pelo *status* do automóvel. Além disso, o inchaço das grandes cidades causado pelo trânsito de milhares de veículos poderia ser apontado como o responsável pela mudança de valor que a sociedade atribui ao automóvel.

O texto 4 destaca causas culturais e ambientais da mudança de valor social atribuído ao automóvel. O paralelo que o arquiteto e ex-prefeito de Curitiba faz entre cigarro e automóvel indica, por um lado, que automóveis e cigarros perderam gradativamente seu *glamour* e, por outro, que a conscientização ambiental tornou condenável a prática de fumar em lugares fechados e um costume em desuso o de tirar carteira de motorista. O texto ainda traça uma crítica às cidades brasileiras que não desenvolveram políticas radicais de valorização dos transportes públicos, como a de Curitiba, importada por vários países.

Encaminhamentos possíveis

A metáfora presente na pergunta-tema “O carro será o novo cigarro?” implica a ideia de redução da utilização desse meio de transporte, uma vez que seria visto como algo nocivo à saúde dos indivíduos e do planeta como um todo. Considerada essa hipótese, o candidato poderia organizar seu texto assumindo um dos possíveis posicionamentos, acompanhados de alguns dos argumentos descritos a seguir:

“O carro será o novo cigarro?” Sim.

A visão do carro como representação eufórica da velocidade, assim descrita no *Manifesto do Futurismo*, no início do século XX, já não tem mais espaço nas grandes cidades, em que os congestionamentos se tornaram mais frequentes e os deslocamentos da população ocorrem com mais lentidão.

Há crescente preocupação com questões ambientais, com impactos na natureza que o excesso de poluição decorrente da utilização de veículos movidos a combustíveis fósseis possa causar.

Avança, sobretudo nos grandes centros urbanos, a popularização de formas alternativas de transporte, como patinetes e bicicletas.

Os projetos de investimentos em qualidade e em quantidade dos transportes públicos estão cada vez mais em pauta nos discursos das autoridades públicas e tal preocupação se reflete em novas obras em favor desse tipo de transporte, como corredores de ônibus e metrô.

“O carro seria o novo cigarro?” Não.

O aumento da renda média do brasileiro nos últimos anos contribui para manter o carro no topo da lista dos objetos de desejo de consumo.

Os estímulos fiscais, como a redução de impostos sobre os produtos industrializados, ainda é um grande incentivo à compra de carros.

Hábitos de consumo são determinados pelo estilo de vida e cultura, e a criação de novos hábitos é um processo que requer lenta mudança de valores.

Impulsionada a não abrir mão do conforto, segurança e praticidade que o carro proporciona, a população tem substituído gradativamente o automóvel particular pelos carros de aluguel, o que explica a utilização de *úberes* e *táxis*.

A não utilização do carro depende muito de significativas mudanças estruturais que possibilitem a ampliação de transportes públicos e a adaptação das vias para a receber os tipos alternativos de meios de transporte, como a construção de ciclovias.

Por vezes, a própria população rejeita as maneiras alternativas, como foi o caso de São Paulo, em que parte significativa da população não acolheu a criação de ciclovias pela prefeitura, ideia praticamente abandonada em gestão posterior.

“O carro seria o novo cigarro?” Em termos.

Os carros tradicionais, movidos a combustíveis fósseis, poderiam ser desestimulados se houvesse robustos incentivos aos elétricos: menos poluentes, contribuiriam no combate às mudanças climáticas, em linha com o acordo de Paris. O automóvel seria visto, sim, como o novo cigarro se houvesse incentivo à compra de carros menores, capazes de transportar poucas pessoas, uma vez que a média de ocupação é de dois indivíduos – em veículos que transportam até cinco passageiros.

O carro teria a mesma percepção negativa do cigarro se sua utilização fosse menos frequente, devido ao uso mais massivo de transportes públicos ou alternativos no dia a dia.

O cigarro emprestaria sua imagem negativa aos carros se o poder público incentivasse caronas e programas de escalonamento de horários de trabalho, a fim de proporcionar maior mobilidade e redução de veículos em trânsito.

